

Artigo Original

## Dimensões motivacionais de basquetebolistas infanto-juvenis: um estudo segundo o sexo

Marcos Alencar Abaide Balbinotti<sup>1,3</sup>

Ricardo Pedrozo Saldanha<sup>2,3,4</sup>

Carlos Adelar Abaide Balbinotti<sup>2,3</sup>

<sup>1</sup> *Université du Québec, Trois-Rivières, Québec, Canadá*

<sup>2</sup> *Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil*

<sup>3</sup> *Núcleo de Pesquisa em Psicologia e Pedagogia do Esporte (NP3 Esporte), UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil*

<sup>4</sup> *FACOS, Osório, RS, Brasil*

**Resumo:** Esta pesquisa tem por objetivo descrever e comparar os índices médios obtidos a partir da avaliação de seis dimensões motivacionais controladas pela variável Sexo: Controle de Estresse, Saúde, Sociabilidade, Competitividade, Estética e Prazer. Para tanto, uma amostra de 441 atletas infanto-juvenis, jogadores de basquete, de ambos os sexos e com idades variando de 13 a 16 anos, respondeu o Inventário de Motivação à Prática Regular de Atividade Física e/ou Esporte (IMPRAFE-54). Constatou-se que, independente do sexo em análise, a dimensão Prazer é a dimensão que mais motiva os atletas de basquetebol infanto-juvenil. Ainda, as únicas dimensões que apresentaram diferença significativa ( $p < 0,05$ ), conforme o sexo, foram a Competitividade e a Estética. Uma das principais conclusões é que os atletas infanto-juvenis mostram-se mais motivados pela competição e as atletas pelo sentimento de pertença a um grupo. Novos estudos devem aprofundar esses resultados, buscando tentar explicar uma possível influência cultural para essa diferença.

**Palavras-chave:** Basquetebol. Atletas infanto-juvenis. Motivação. Sexo. Estudo comparativo.

### *Youthful basketball players' motivational dimensions: a study by sex*

**Abstract:** This research aims to describe and compare the average rates obtained from the assessment of six motivational dimensions controlled by variable sex: *Stress' Control, Health, Sociability, Competitiveness, Aesthetic and Pleasure*. Accordingly, a sample of 441 youthful basketball players of both sexes and ages ranging from 13 to 16 years, answered the "Inventário de Motivação à Prática Regular de Atividade Física e/ou Esporte" (IMPRAFE-54). Results indicated, regardless of gender in analysis, the Pleasure is the motivation' dimension that motivates the most this athletes. Still, the only two dimensions that showed significant differences ( $p < .05$ ), when sex is controlled, are *Competitiveness* and *Aesthetics*. One of the main conclusions is: the boys seem to be more motivated by competition and the girls by the feeling of belonging to a group. New studies must deepen these results, searching to try to explain a cultural influence for this difference.

**Key Words:** Basketball; Youthful athletes. Motivation. Sex. Comparative Study.

### Introdução

Este estudo faz parte de uma pesquisa maior e continuada que visa explorar e descrever o perfil motivacional de praticantes dos mais diversos esportes realizados no Brasil, considerando características e aspectos que lhes são próprios. Assim, este artigo apresenta resultados de dados colhidos na realidade brasileira e explora a ocorrência de possíveis diferenças significativas (ou semelhanças estatísticas) em seis importantes dimensões da motivação à prática regular de atividade física e/ou esporte (BALBINOTTI, 2004), dentro do contexto da Teoria da Auto-determinação (TAD)

de Deci e Ryan (1985, 2000; RYAN e DECI, 2007), e conforme a variável de controle "Sexo". Desta forma, a análise foi focada em atletas infanto-juvenis (13 a 16 anos), jogadores de basquete. Para que se possa melhor descrever este perfil, explicam-se, em um primeiro momento, as estruturas gerais do Basquete e, após, apresentam-se conceitos gerais de algumas teorias da motivação, aspectos referentes ao plano teórico relativo à TAD e, finalmente, um modelo de avaliação da motivação à prática regular de atividade física e/ou esporte. Após a apresentação do método (procedimentos, sujeitos e instrumentos) são conduzidos os

resultados conforme os princípios métricos norteadores de estudos descritivo-exploratórios comumente requeridos na literatura especializada. As conclusões têm origem neste processo.

### As estruturas gerais do Basquete

O Basquetebol é um esporte que exige dos atletas uma soma de habilidades específicas, as quais são exigidas de acordo com cada situação de ataque e defesa que o jogo proporciona (FERREIRA e DE ROSE Jr., 2003). Este esporte está estruturado com base em três aspectos seqüenciais e interdependentes: fundamentos (passes; controle de corpo; manejo de bola; etc.), as situações onde ocorre a combinação destes fundamentos e os aspectos táticos de defesa e ataque (DE ROSE JR, DESCHAMPS e KORSAKAS, 2001).

Os atletas necessitam de uma elevada capacidade de desempenho, dada a alta intensidade e características associadas ao padrão na precisão de movimentos nos membros superiores (arremessos, passes, dribles, dentre outros) e alta capacidade anaeróbia. Tal capacidade deve-se às diversas situações que o jogo proporciona, exigindo movimentos vigorosos (HADDAD e DANIEL, 2005). Esta estrutura depende fundamentalmente, do correto desenvolvimento de capacidades motoras condicionantes e coordenativas (DE ROSE JR. e TRICOLI, 2005).

O basquetebol inclui-se num grupo de esportes o qual é necessário possuir um excelente funcionamento dos órgãos sensoriais e ter a capacidade de perceber e reagir frente as situações de jogo que se alteram constantemente (BOMPA, 2002). As interações que se estabelecem entre companheiros da mesma equipe e de outros elementos do ambiente (adversários, meta, torcida, etc.) geram um conjunto de comunicações simultâneas entre jogadores da mesma equipe e adversários, constituindo interações por ações de aleatoriedade e imprevisibilidade constantes (RAMOS, GRAÇA e NASCIMENTO, 2006). Portanto, em função destas combinações de ataque e defesa e de outras características, o basquetebol é considerado um esporte de cooperação e oposição, invasivo (DE ROSE JR. e TRICOLI, 2005; DE ROSE JR., TAVARES e GITTI, 2004).

### Conceitos gerais de algumas teorias da motivação

Em diversas publicações recentes, Balbinotti e seus colaboradores (BALBINOTTI, 2000; BALBINOTTI e TÉTREAU, 2006; BALBINOTTI *et al.*, 2007) têm afirmado que, de forma bem geral, o termo motivação pode ser entendido como aquilo que faz uma pessoa *agir*. Uma definição mais precisa foi apresentada por Vallerand e Thill (1993; p. 18): “um construto psicossocial hipotético utilizado para descrever as forças internas e/ou externas que produzem estopins, direções, intensidades, e persistências em um determinado comportamento”. Sendo assim, não é difícil entender o porquê de este termo ser objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento humano, tais como: as necessidades humanas (RYAN *et al.*, 2005; VLACHOPOULOS e MICHAILIDOU, 2006); o bem-estar psicológico (SOENENS *et al.*, 2005); a auto-estima (PATRICK, NEIGHBORS e KNEE, 2004); os valores humanos (BROWN e KASSER, 2005); as relações humanas (DECI *et al.*, 2006); a educação (SOENENS e VANSTEENKISTE, 2005); a organização e o trabalho (GAGNÉ e DECI, 2005; GUAY *et al.*, 2003); os cuidados com a saúde (WILLIAMS *et al.*, 2003); a atividade física e o esporte (EDMUNDS, NTOUMANIS e DUDA, 2006; VANSTEENKISTE e DECI, 2003); entre muitas outras áreas gerais e específicas.

Na realidade, a literatura tem apresentado o termo *motivação* em vários formatos, dependendo, é claro, da teoria que está por detrás da intenção de sua utilização. Por exemplo, dentro da Teoria da Motivação Humana de Nuttin, a motivação pode ser compreendida como “uma tendência específica em direção a uma determinada categoria de objetos, e sua intensidade está em função da natureza do objeto e da sua relação com o sujeito” (NUTTIN, 1985, p. 135). Ainda, a Teoria da Significação Motivacional de Perspectiva Futura de Lens (1993) indica que a noção de perspectiva futura da motivação deve ser entendida como um processo que tem por fim um objeto alvo (a ser alcançado no futuro – a curto ou longo prazo), mas integrado ao momento presente do indivíduo. E para concluir esse apanhado geral dos conceitos de algumas das teorias da motivação, podemos, por fim, citar a Teoria da Motivação e da Representação do Si-Mesmo de Ruel (1987). Para este autor, “a motivação está

em relação com as percepções afetivo-cognitivas que o indivíduo tem dele mesmo e de sua cultura” (p. 256). Mas esse artigo vai explorar a Teoria da Auto-determinação (DECI e RYAN, 1985, 2000; RYAN e DECI, 2000a, 2000b, 2007) que, de modo geral, compreende a motivação como a chave principal do bom funcionamento psicológico do indivíduo (VALLERAND e BISSONETTE, 1992; DECI e VANSTEENKISTE, 2004; VALLERAND, 2007) e de seu bem-estar geral (CHIRKOV, RYAN e WILLNESS, 2005; VLACHOPOULOS e MICHAILEDOU, 2006).

### *Aspectos referentes ao plano teórico relativo à Teoria da Auto-Determinação (TAD)*

Há mais de 20 anos, Deci e Ryan (1985) ofereceram os subsídios necessários para o desenvolvimento da Teoria da Auto-determinação (TAD), a partir de uma atenção especial acordada ao conceito de motivação. Na realidade, esta teoria parte do entendimento de que grande parte das pessoas (quando saudável) é ativa e curiosa, demonstra prontidão para aprender e explorar e, de maneira geral, não necessita de incentivos extras para apresentar tais comportamentos. Portanto, a TAD postula que três forças motivacionais distintas podem influenciar, em maior ou menor grau, o comportamento auto-determinado, são elas: a Motivação Intrínseca (determinada por fatores pessoais), a Motivação Extrínseca (determinada, basicamente, por fatores situacionais) e a Amotivação (falta de motivação associada à determinada atividade) (VLACHOPOULOS, KARAGEORGHS e TERRY, 2000). Conforme Deci e Ryan (1985, RYAN e DECI, 2000a), estar motivado significa estar disposto a fazer alguma coisa. A satisfação das necessidades psicológicas inatas, de competência, de relacionamento com os pares e de autonomia é a base para o desenvolvimento do comportamento automotivado (RYAN e DECI, 2000a; 2000b; 2007). Apesar do fato de pessoas apresentarem um comportamento motivado de forma natural, evidências demonstram que determinadas condições são necessárias para a manutenção deste comportamento. A TAD procura, então, responder de que forma este comportamento motivado se mantém ou diminui, assim como, quais fatores contribuem para este fenômeno (RYAN e DECI, 2007).

### *Modelo de avaliação da motivação à prática regular de atividade física e esporte*

Tendo como base a TAD, Balbinotti (2004) elaborou um novo instrumento para avaliação de dimensões motivacionais: o Inventário de Motivação à Prática Regular de Atividade Física e/ou Esporte (IMPRAFE-126). Recentemente, Balbinotti e Barbosa (2008) publicaram um estudo rigoroso com os índices de validade de construto e de consistência interna dessa medida. A conclusão dos autores é que se trata de um instrumento válido e de resultados confiáveis. Inspirados nos resultados positivos desta primeira versão, Barbosa e Balbinotti (submetido) trabalharam em uma versão reduzida deste mesmo instrumento, agora dirigida, especificamente, para estudos e pesquisas: o IMPRAFE-54. Entre outros aspectos, essa nova versão permite que se avalie de forma mais ágil, e por meio de índices de validade e fidedignidade também favoráveis, a curva de desenvolvimento das dimensões motivacionais em função do tempo de prática esportiva. De forma geral, Balbinotti (2004) visa entender, por meio da avaliação de um grupo de motivos, a manifestação comportamental positiva ou negativa (de praticantes de atividades físicas e esportes), medida por meio de uma escala que permite aos sujeitos indicarem o que mais (ou menos) os motiva a praticarem as atividades físicas e/ou esportivas escolhidas. Para o autor, essa manifestação comportamental pode ser classificada ou entendida a partir de seis dimensões distintas (mas relacionáveis) da motivação: Controle de Estresse (CE); Saúde (Sa); Sociabilidade (So); Competitividade (Co); Estética (Es); Prazer (Pr). O Quadro 1 apresenta as linhas gerais do modelo de motivação à prática regular de atividade física e/ou esportiva que recentemente foi apresentado em uma publicação nacional (BALBINOTTI *et al.*, 2007).

#### **Questão central deste estudo**

A partir dos conteúdos anteriormente apresentados e, para adequadamente poder-se responder ao objetivo desta pesquisa, foi possível formular a seguinte questão central deste estudo: “Existem diferenças significativas ( $p < 0,05$ ) nos escores médios obtidos nas seis dimensões da motivação que compõem a medida do IMPRAFE-54, a partir do controle da variável sexo dos atletas em estudo?” Para bem responder esta

questão foram empregados os procedimentos metodológicos apresentados a seguir.

**Quadro 1.** Modelo de avaliação da motivação à prática regular de atividade física e/ou esporte, proposto por [Balbinotti \(2004\)](#).

Nome	Dimensões do Modelo	Observações gerais pertinentes as dimensões do Modelo
Modelo de Motivação à Prática Regular de Atividade Física e/ou Esporte	CE	Avalia em que nível pessoas utilizam a atividade física regular e/ou esporte como forma de controlar a ansiedade e o estresse da vida cotidiana ( <a href="#">McDONALD e HODGOON, 1991</a> ). Conforme <a href="#">Franks (1994)</a> , o estresse é um fator que faz parte da vida das pessoas; baseia-se em aspectos relacionados com as respostas aos estímulos do meio ambiente (fatores situacionais) que interagem pra produzir um resultado que pode afetar a motivação das pessoas em atividades específicas. <a href="#">Gould, Eklund e Jackson (1992)</a> sugerem que a atividade física regular pode funcionar como vacina contra o estresse.
	Sa	Avalia em que nível pessoas utilizam a atividade física regular e/ou esporte como forma de manutenção da saúde geral e a prevenção de doenças associadas ao sedentarismo. Os benefícios de uma atividade física regular são largamente conhecidos, principalmente com relação ao processo de crescimento e desenvolvimento geral do organismo, aos tecidos ósseos, musculares, sistemas energéticos e outros. Para <a href="#">Wankel (1993)</a> , índices apropriados de atividade física regular podem adicionar vida aos anos, e anos à vida. O sentir-se saudável pode levar pessoas a manter uma atividade física regular.
	So	Avalia em que nível pessoas utilizam a atividade física regular e/ou esporte como forma de fazer parte de um grupo, clube ou relacionar-se com outras pessoas. Segundo <a href="#">Gould, Eklund e Jackson (1992)</a> , a socialização se origina principalmente através dos fortes laços gerados pelos colegas de treino ou atividade, dos professores, técnicos e parentes. A socialização também é uma importante forma de desenvolvimento de outras valências psicológicas, tais como a sensação de aceitação, de pertença a um grupo e de auto-estima. O sentir-se integrado em um grupo pode ser um agente motivador importante.
	Co	Avalia em que nível pessoas utilizam a atividade física regular e/ou esporte como forma de manifestação de aspectos relacionados ao vencer. Sugere uma sensação de superioridade e/ou de destaque em uma determinada atividade física ou desporto. <a href="#">De Rose Jr. e Korsakas (2006)</a> relaciona fatores envolvidos na competição desportiva: confronto, disputa, resultado, avaliação, seleção, busca pela vitória, derrota, pressão, alegria e frustração. <a href="#">Marques e Oliveira (2001)</a> afirmaram que não há desporto sem competição. Comparar o desempenho consigo mesmo e com os outros pode levar pessoas a manter-se em atividade.
	Es	Avalia em que nível pessoas utilizam a atividade física regular e/ou esporte como forma de obter (conquistar) ou manter um corpo que seja considerado atraente e aprovado pela sociedade ou grupo em que o indivíduo está inserido. Segundo <a href="#">Capdevilla, Niñerola e Pintanel (2004)</a> , os índices encontrados nesta dimensão sofrem grande influência do contexto social. Ainda segundo o autor, as culturas latinas tendem a valorizar mais o corpo magro e/ou bem desenhado do que outras culturas. A busca do corpo ideal preconizado pela cultura ocidental pode favorecer a procura por atividades físicas prolongadas.
	Pr	Dimensão relacionada à sensação de bem estar, de diversão e a satisfação que a prática regular de atividade física e/ou esporte proporciona. Supõe o interesse que se tem pela atividade assim como a necessidade e a importância acordada pelo sujeito. De acordo com <a href="#">Scanlan, Stein e Ravizza (1991)</a> , o prazer é uma dimensão chave para a compreensão da motivação no desporto. A promoção da busca do prazer em uma atividade física regular pode ser o aspecto principal da autonomia e da satisfação; aspectos fundamentais da auto-motivação ou motivação intrínseca (fatores pessoais) dos atletas.

## Método

### Procedimentos Éticos

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul analisou e aprovou o projeto por considerá-lo ético e metodologicamente adequado. Número de referência: 2007722.

### Sujeitos

A escolha da amostra foi por conveniência (não-aleatória) com o cuidado de evitar atletas fora dos critérios de seleção (que eram: ter idades entre 13 e 16 anos e já terem participado

de competições municipais, estaduais e/ou nacionais). Os 441 atletas infanto-juvenis, de ambos os sexos (Masculino = 276; Feminino = 165) e com idades variando de 13 a 16 anos ( $\bar{X}$  = 14,46; DP = 0,977; Moda = 14; Mediana = 14,00), implicados nesta pesquisa eram atletas de competição municipal, estadual e/ou nacional, de seis estados (PE, PR, RJ, RS, SC, SP), e de diferentes regiões do Brasil.

### Instrumentos

Neste estudo foram utilizados dois instrumentos: um *Questionário Bio-Sócio-*



*Demográfico Simples* (apenas para controle das variáveis: “Sexo”, “Idade”, “Estado” e “se já participaram de Competições Municipais, Estaduais e/ou Nacionais”) e o *Inventário de Motivação à Prática Regular de Atividade Física e/ou Esporte* (IMPRAFE-54).

O *Inventário de Motivação à Prática Regular de Atividade Física e/ou Esporte* (IMPRAFE-54) (BALBINOTTI e BARBOSA, 2008) é um inventário que avalia 6 dimensões associadas a motivação à realização de atividade física regular. Trata-se de 54 itens agrupados 6 a 6, observando a seguinte seqüência: o primeiro item do primeiro bloco de 6 apresenta uma questão relativa a dimensão motivacional Controle de Estresse (ex.: *liberar tensões mentais*), a segunda Saúde (ex.: *manter a forma física*), a terceira Sociabilidade (ex.: *estar com amigos*), a quarta Competitividade (ex.: *vencer competições*), a quinta Estética (ex.: *manter o corpo em forma*) e a sexta Prazer (ex.: *meu próprio prazer*). Esse mesmo modelo se repete no segundo bloco de seis questões, até completar 8 blocos (perfazendo um total de 54 questões). O bloco de número 9 é composto de seis questões repetidas (escala de verificação). Seu objetivo é verificar o grau de concordância acordada a primeira e a segunda resposta ao mesmo item. As respostas aos itens do inventário são dadas conforme uma escala bidirecional, de tipo *Likert*, graduada em 5 pontos, indo de “isto me motiva pouquíssimo” (1) a “isto me motiva muitíssimo” (5). Os sujeitos levam em média 20 minutos para responder o inventário. Cada dimensão é analisada individualmente.

Quanto à validade de construto desta medida, esta foi estabelecida a partir de um rigoroso estudo recente (BARBOSA, 2006; BALBINOTTI e BARBOSA, 2008), com mais de 1300 sujeitos, de ambos os sexos e com idades variando de 13 a 83 anos, em que ficaram demonstrados os satisfatórios resultados obtidos a partir de cálculos de uma análise fatorial confirmatória (GFI = 0,952; AGFI = 0,948; RMS = 0,058). Tais resultados indicam estar-se avaliando o que se pretende, diga-se, o construto “motivação à prática regular de atividade física e/ou esporte”. Já em relação à confiabilidade (fidedignidade) desta medida, agora para os atletas desse mesmo estudo, ela foi determinada pelo viés da consistência interna. Assim, o coeficiente Alpha de Cronbach obtido para a escala total foi de 0,95. Teve-se, ainda, o cuidado de avaliar a

fidedignidade para cada dimensão, individualmente: Controle de Estresse (0,89), Saúde (0,88), Sociabilidade (0,91), Competitividade (0,87), Estética (0,93) e Prazer (0,84). Esses resultados demonstram escores altamente satisfatórios, podendo ser interpretados de forma altamente positiva, isto é, trata-se de um instrumento preciso de medida da motivação dos atletas em questão.

## Apresentação dos Resultados

Para responder adequadamente a questão central desta pesquisa, procedeu-se à exploração dos escores obtidos pelo IMPRAFE-54, segundo princípios norteadores comumente aceitos na literatura especializada (BALBINOTTI, 2005; PESTANA e GAGEIRO, 2003; REIS, 2001). Caminho feito, apresenta-se sucessiva e sistematicamente, os resultados das análises de itens, das estatísticas descritivas, e, finalmente, das comparações das médias (conforme a variável controlada: sexo).

### Análise de itens

As médias encontradas para cada um dos 48 itens, estudados individualmente (os seis repetidos foram retirados das análises, serviram apenas para se saber se os sujeitos estavam atentos aos itens), variaram entre 2,26 e 4,39; com desvios-padrões variando entre 0,9 a 1,5. Interpretam-se esses resultados preliminares como sendo bastante satisfatórios, pois não houve itens sem variabilidade e nenhum item apresentou média igual aos valores extremos (1 ou 5). Isso significa que nenhum item foi altamente motivador a ponto de todos os jovens responderem que se sentiam altamente motivados por qualquer um dos 48 itens analisados. O contrário também se aplica, diga-se, nenhum dos 48 itens analisados foi altamente “não motivador” para todos os jovens investigados. Destaca-se, ainda, que a variabilidade dos itens foi restrita (com desvios-padrões não ultrapassando, em nenhum caso, o valor nominal das médias), indicando adequada homogeneidade na dispersão avaliada.

Analisando, mais atentamente, as médias dos itens individuais, pode-se observar que existe uma tendência de resposta mais positiva. Esse tendência pode ser melhor visualizada através do resultado do cálculo de média aritmética geral observada dos itens ( $\bar{X} = 3,57$ ). Para determinar se existe diferença significativa ( $p < 0,05$ ) quando

comparadas as médias observada e esperada ( $\bar{X} = 2,5$ ) foi aplicado um teste *t* para uma amostra e seus resultados ( $t_{(440)} = 34,89$ ;  $p < 0,001$ ) não deixam dúvida: os atletas infanto-juvenis avaliados respondem, em média, aos itens de forma mais positiva que o esperado. Interpreta-se esse resultado de forma positiva e sem surpresas, afinal de contas trata-se de jovens que competem, com seus times, em campeonatos municipais, estaduais e/ou nacionais. Portanto, é de se esperar tal resultado, diga-se, são atletas que encontram-se, em média, mais motivados à prática de atividade física e/ou esporte que os jovens em geral. Finalmente, destaca-se que o valor Alpha encontrado para a escala total (0,95) revela um escore elevado da consistência interna do instrumento, para este conjunto de dados, um importante preditor da confiabilidade das respostas originárias deste conjunto total de itens. Todos estes resultados garantem pertinência na continuidade das análises.

### Estadísticas descritivas gerais

Nota-se que as médias obtidas ( $\bar{X}_m = 172,7$ ;  $\bar{X}_f = 168,7$ ), controlando-se a variável "Sexo", variaram, em valores nominais, relativamente pouco (Diferença das médias = 4). Os desvios-padrões associados a estas médias ( $DP_m = 29,2$ ;  $DP_f = 33,3$ ) mostraram-se restritos, indicando, mais uma vez, uma dispersão restrita. Tal diferença de média pode estar indicando que a variável "Sexo" não é suficiente, ao menos de forma significativa, para determinar que se tenha mais ou menos motivação à prática regular de atividade física e/ou esportiva. Esses dados nos permitem levantar a hipótese que, ao se analisar o nível geral de motivação, não existe uma diferença significativa na motivação avaliada apenas por pertencer a um ou outro sexo. Essa hipótese será testada no item Comparações de médias, logo a seguir.

Mas, com o objetivo de verificar a adequação do uso de testes paramétricos para a comparação destas médias gerais observadas, em um primeiro momento a igualdade estatística das variâncias foi testada, comprovada e assumida com ajuda do cálculo *F* de Levène ( $F = 0,956$ ;  $p = 0,329$ ). Os resultados obtidos são excelentes indicadores para o uso de instrumentais paramétricos de comparação das médias. No mais, devido ao grande número de sujeitos em análise ( $n = 441$ ), não é necessário o

uso de cálculos específicos de normalidade pois esta pode ser previamente assumida considerando o *n* em questão (BALBINOTTI, 2005; PESTANA e GAGEIRO, 2003; REIS 2001). Sendo assim, e considerando os resultados obtidos no cálculo *F* de Levène, se trata de dados com aderência à normalidade, portanto o uso de testes paramétricos de comparação das médias é adequado.

### Comparação das médias e Discussão dos Resultados

As médias gerais encontradas para cada um dos sexos em análise ( $\bar{X}_m = 172,7$ ;  $\bar{X}_f = 168,7$ ) foram comparadas com ajuda de um teste *t* para amostras independentes e seus resultados ( $t_{(440)} = 1,344$ ;  $p = 0,180$ ) indicaram não existir diferenças significativas entre estes índices médios de motivação à prática regular de atividade física e/ou esporte. Na realidade, e por um lado, não se esperavam encontrar diferenças significativas, pois seria realmente impressionante que o fato de pertencer a um ou a outro sexo fosse determinante quanto aos níveis gerais de motivação neste esporte. Assim, tanto os sujeitos do sexo masculino quanto os do sexo feminino testados manifestam, estatisticamente falando, o mesmo nível de motivação. Esse resultado está de acordo com um estudo publicado recente sobre a motivação de corredores de longa distância (BALBINOTTI *et al.*, 2007) e de um estudo ainda não publicado sobre a motivação de tenistas infanto-juvenis (BALBINOTTI, JUCHEM, BARBOSA e BALBINOTTI, 2008). Tanto em um como em outro dos estudos supracitados, também encontrou-se uma pequena diferença entre as médias nominais quando controlada a variável "Sexo", mas os resultados obtidos ( $t(70) = 0,633$ ;  $p = 0,530$ ; e,  $t_{(223)} = 0,963$ ;  $p = 0,336$ , respectivamente) comprovam uma conseqüente diferença não significativa nas médias observadas. Embora alguns construtos psicossociais de personalidade apresentem diferenças estatísticas quando controlados pela variável "Sexo", dentro da faixa etária adolescente, especificamente dos 13-14 aos 18-19 anos – por exemplo a maturidade (BALBINOTTI, 2004; BALBINOTTI e TÉTREAU, 2006) –, parece que a motivação não é suscetível à variável "Sexo". Trata-se de uma hipótese que deve ser adequadamente explorada em estudos subseqüentes, com desenhos de pesquisa

específicos. Para tanto, outros atletas, de outros esportes, devem ser investigados quanto aos seus níveis de motivação à prática regular de atividade física e/ou esportiva

Através da demonstração dos dados apresentados na Tabela 1, percebeu-se que a emergência (valores médios brutos obtidos) das dimensões (sua ordem de prevalência em índices médios, conforme o sexo dos atletas) apresenta diferenças nominais importantes nas médias quando controlada a variável "Sexo": a dimensão com escore bruto mais elevado foi Prazer (Pr), seguido de Competitividade (Co), Saúde (Sa), Sociabilidade (So), Estética (Es) e Controle de Estresse (CE), isso para os atletas do sexo masculino; já, para as atletas do sexo feminino, a

emergência das dimensões foi Pr, Sa, So, Co, Es e CE. Tais resultados permitem inferir que a dimensão que mais motiva os jovens à prática regular de atividade física e/ou esporte é o Prazer, independente do sexo em análise. Para confirmar essa hipótese, consecutivos testes *t* para amostras pareadas foram aplicados e seus resultados deixam claro que a média da dimensão Prazer se diferencia, de forma altamente significativa ( $p < 0,001$ ), das médias de todas as outras dimensões em estudo. O mesmo ocorreu na dimensão menos motivadora, Controle de Estresse (CE). Independente do sexo em análise, a dimensão CE se diferencia de forma altamente significativa ( $p < 0,001$ ) de todas as outras dimensões em estudo.

**Tabela 1.** Estatísticas descritivas conforme as dimensões em estudo e sexo dos participantes

Dimensão	Sexo	N	Média	Desvio-Padrão
Controle de Estresse	Masculino	276	20,92	8,41
	Feminino	165	20,42	9,18
Saúde	Masculino	276	30,73	6,82
	Feminino	165	30,51	7,61
Sociabilidade	Masculino	276	29,14	7,66
	Feminino	165	29,84	7,87
Competitividade	Masculino	276	31,45	6,97
	Feminino	165	29,32	7,05
Estética	Masculino	276	27,17	8,39
	Feminino	165	24,53	8,88
Prazer	Masculino	276	33,34	5,78
	Feminino	165	34,05	6,01

Nota-se (ver Tabela 1) que diferenças foram encontradas quando se consideram as três dimensões mais emergentes (com escores médios mais elevados e, portanto mais motivadoras), quando se controla a variável "Sexo". Trata-se de uma situação interessante e vale a pena ser analisada. Pode-se dizer, inicialmente, que esse resultado se diferencia daquele obtido em um estudo anterior ([BALBINOTTI et al., 2007](#)), em que foi detectado que o perfil motivacional característico (as três dimensões mais emergentes) dos corredores de longa distância não se diferencia conforme o sexo

em análise. Tão pouco houve diferenças no perfil motivacional característico de tenistas infanto-juvenis ([BALBINOTTI, JUCHEM, BARBOSA e BALBINOTTI, 2008](#)), quando controlada a variável "Sexo". Parece que, de alguma forma, os atletas infanto-juvenis de Basquete se permitem manifestar essas diferenças. Quem sabe, tanto os tenistas quanto os corredores de longa distância possuem características de personalidade que, por um lado, lhes são típicas e, por outro lado, lhes são exigidas pelo estilo de esporte (de caráter mais individual) que praticam. Uma das características do Basquete é, precisamente, ser um esporte coletivo. Um atleta

conta com o outro, do mesmo time, para chegar ao sucesso. Mas, seguindo-se nesta mesma discussão, pode-se interpretar que os resultados encontrados neste estudo estão de acordo com as conclusões de [White e Duda \(1994\)](#). Estes últimos autores demonstraram em seu estudo que os homens são mais “*ego oriented*” que as mulheres, que se caracterizam por serem mais “*task oriented*”. Sendo assim, os homens estão mais preocupados com as vitórias e com as demonstrações de suas habilidades em situações de competição, do que as mulheres. Parece que a conclusão destes autores vem ao encontro dos resultados aqui encontrados, diga-se, a Competitividade é a segunda dimensão mais motivadora nos atletas do sexo masculino (ver Tabela 1), mas classifica-se em uma das três menos motivadoras no caso das atletas. Será que a relação entre os esportes coletivos e individuais, as exigências requeridas pela sociedade com relação a mulheres e a homens no esporte, as diferenças nas premiações

oferecidas a homens e a mulheres e diversos outros aspectos relativos às possíveis diferenças satélites (e não, necessariamente, a capacidade de rendimento nos esportes) nas demandas sociais não explicam, ao menos em parte, essas diferenças encontradas? Novos e rigorosos estudos devem explorar mais cabalmente essas diferenças, inclusive com atletas de outros esportes para que se possa melhor compreendê-las e/ou explicá-las.

No mais, e dando continuidade ao estudo das comparações das médias observadas, pode-se ainda testar se, no interior de cada dimensão motivacional em análise, existem diferenças estatisticamente significativas (ou semelhanças estatísticas) de acordo com o sexo em análise. Para tanto, conduziram-se testes *t* para amostras independentes; os resultados estão sistematicamente apresentados na Tabela 2.

**Tabela 2.** Comparações entre as médias obtidas por sexo, em cada dimensão em estudo.

Dimensão	Teste <i>F</i> de Levène para igualdade das variâncias		Teste <i>t</i> de Student para igualdade das médias					Intervalo de confiança de 95% para diferença das médias	
	<i>F</i>	Sig.	<i>t</i>	gl	Sig.	Diferença das médias	Baixo	Alto	
CE	1,912	,167	-,575	439	,566	0.49242	-1.19100	2.17585	
Sa	,907	,341	-,313	439	,755	0.21916	-1.15914	1.59748	
So	,084	,772	-,913	439	,362	-0.69505	-2.19164	0.80152	
Co	,157	,692	3,084	439	,002	2.12444	0.77056	3.47831	
Es	,606	,437	3,132	439	,002	2.64301	0.98445	4.30158	
Pr	,323	,570	-1,232	439	,219	-0.71152	-1.84677	0.42371	

Obs.: o teste *F* de Levène demonstra que as variâncias são estatisticamente iguais, portanto as médias são comparáveis diretamente, sem necessidade de qualquer transformação de dados ou perdas de graus de liberdade. As diferenças das médias se localizam, sem exceções, dentro do intervalo de confiança de 95%.

Conforme os resultados descritos na Tabela 2, as únicas diferenças significativas encontradas ( $p < 0,05$ ) foram nas médias das dimensões “Competitividade” e “Estética”, ambas favoráveis ao sexo masculino. Parece que o fato de ser homem determina, estatisticamente, uma prevalência maior ( $p < 0,05$ ) nas respostas

médias destas dimensões (as médias das outras dimensões motivacionais – CE, Sa, So e Pr – não parecem ser influenciadas pelo sexo dos atletas). No que concerne a dimensão “Competitividade”, a explicação apresentada anteriormente, conforme o estudo de [White e Duda \(1994\)](#), também se aplica para este resultado. No mais,



parece que, de maneira geral, nossa cultura tende a apoiar mais os atletas profissionais de sexo masculino (seja em função do prêmio em dinheiro, seja em função do investimento na estrutura dos espetáculos esportivos, etc.). Esta pode ser uma explicação para o estilo de resposta mais positiva dos atletas infanto-juvenis do sexo masculino para a dimensão “Competitividade”. Será que eles tendem a responder mais positivamente que as atletas em função de pensarem ter uma expectativa mais concreta e financeiramente mais estável de carreira futura de atleta profissional? Não se pode afirmar com certeza que esta seja a razão principal para esta diferença, mas sugerem-se estudos subseqüentes que expliquem (explorem) estas e outras possibilidades.

No entanto, no que concerne a dimensão motivacional “Estética” (ao menos considerando os dados em questão), urge uma análise pormenorizada. Inicialmente, se pode dizer que não existe um padrão característico desta dimensão nos diversos estudos consultados, diga-se, portanto, e diferente do senso comum que normalmente sugere a “estética” como uma característica predominantemente feminina, que os estudos diferem quanto aos resultados. Em um estudo recente, [Balbinotti e Capozzoli \(2008\)](#) investigou o perfil motivacional de 254 atletas de academias de ginástica, de ambos os sexos e com idades variando de 16 a 81 anos. Os autores demonstraram que a dimensão Estética é uma das mais elevadas motivações associadas a esta prática regular de atividade física. Mesmo que não tenha sido demonstrada a presença de diferenças significativas nas médias entre homens e mulheres, a média nominal mais elevada para esta dimensão foi favorável às mulheres ( $\bar{X}_f = 66,01$ ), quando comparadas a dos homens ( $\bar{X}_m = 64,21$ ). Os autores concluíram que, por um lado, tanto homens quanto mulheres buscam, na dimensão “Estética”, fonte de motivação intrínseca para a prática regular desta atividade física. Mas, por outro lado, também concluíram que a variabilidade de resposta é maior nos homens ( $DP_m = 16,5$ ) que nas mulheres ( $DP_m = 14$ ), significando que as mulheres são mais consistentes ao responderem que se sentem motivadas a praticar esta atividade física por razões estéticas. Com tenistas infanto-juvenis ([BALBINOTTI, JUCHEM, BARBOSA e BALBINOTTI, 2008](#)), de 13 a 16 anos, ocorreu

justamente o contrário, diga-se, as médias nominais foram maiores nos atletas do sexo masculino ( $\bar{X}_m = 58,9$ ;  $\bar{X}_f = 57,1$ ), assim como os mesmos apresentaram menor variabilidade de resposta ( $DP_m = 17,4$ ;  $DP_f = 18,4$ ). Já no estudo das dimensões motivacionais de corredores de longa distância ([BALBINOTTI et al., 2007](#)) encontrou-se uma diferença altamente significativa ( $t_{(89)} = -3,092$ ;  $p = 0,003$ ) nas médias da dimensão “Estética” de homens ( $\bar{X}_m = 70,86$ ) e mulheres ( $\bar{X}_f = 82,78$ ). Os autores demonstraram que esta dimensão é a menos motivadora para os homens corredores de longa distância, mas com um “relativo destaque para o sexo feminino” (p. 78), e concluíram que “uma boa aparência pessoal deve permitir que as mulheres se sintam bem no ambiente esportivo, trazendo boas oportunidades para atividades sociais e relações interpessoais” (p. 78), ao menos no que tange os corredores de longa distância. Como se pode observar, mesmo que a “Estética” seja uma dimensão motivacional importante para a prática regular de atividade física e/ou esporte, muito ainda tem que ser esclarecido para se tentar entender os “porquês” dos tão diferentes resultados encontrados nos estudos com relação a esta dimensão.

### Conclusões e sugestões de novos estudos

Com ajuda de uma amostra de atletas infanto-juvenis, jogadores de Basquete, este estudo teve por objetivo descrever e comparar os índices médios obtidos a partir da avaliação de seis dimensões motivacionais, que conforme [Balbinotti \(2004\)](#) parecem ser as dimensões mais comumente encontradas na literatura especializada: Controle de Estresse (CE), Saúde (Sa), Sociabilidade (So), Competitividade (Co), Estética (Es) e Prazer (Pr). As três dimensões motivacionais que mais estimulam esses atletas a praticarem regularmente tal esporte, dependem do sexo em análise, então: Prazer, Competitividade e Saúde para os atletas do sexo masculino; e, Prazer, Saúde e Sociabilidade para as atletas do sexo feminino. Nota-se que o Prazer e a Saúde são constantes como dimensões integrantes das mais motivacionais presentes nos atletas infanto-juvenis do Basquete (independente do sexo em análise), mas o que diferencia, de forma mais marcante, é o fato dos jovens atletas se diferenciarem por utilizarem este esporte como forma de manifestação de aspectos relacionados

ao vencer (confronto, disputa, resultado, avaliação, seleção, busca pela vitória, derrota, pressão, alegria e frustração). Isso sugere uma sensação de superioridade e/ou de destaque por parte destes atletas. Comparar o desempenho consigo mesmo e com os outros pode levá-los a manterem-se neste esporte. Mas no caso das atletas, a diferença está na utilização deste esporte como forma de fazer parte de um grupo, clube ou relacionar-se com outras pessoas. Segundo [Gould, Eklund e Jackson \(1992\)](#), a socialização se origina principalmente por meio dos fortes laços gerados pelos colegas de treino, dos professores, técnicos e outros. Parece que, no caso das atletas, esta dimensão motivacional é uma importante forma de desenvolvimento de outras valências psicológicas, tais como a sensação de aceitação, de pertença a um grupo e de auto-estima. O sentir-se integrado em um grupo pode ser um agente motivador importante para estas atletas. Destaca-se que esses resultados são particularmente importantes para treinadores e psicólogos do esporte, e devem ser considerados quando se pretende aperfeiçoar modelos de treinamento de basquetebolistas.

Finalmente, novos estudos devem ser conduzidos a fim de verificar a existência de diferenças estatísticas nos níveis de motivação, mas controlando outras variáveis (faixa-etária, por exemplo). Também, estudos que possam se dedicar exclusivamente às questões relativas a dimensão Estética devem ser priorizados, pois é uma dimensão que revelou resultados diversos, sem sequer uma tendência de padrão. Portanto, as explicações dos “porquês” deste fenômeno são realmente importantes para o desenvolvimento desta área de estudo. Por fim, estudos descritivos-comparativos sobre essas dimensões motivacionais com diferentes atividades físicas e/ou esportivas regulares também devem ser conduzidos com o objetivo de se poder verificar a existência de perfis motivacionais típicos, seja por esporte ou por categoria de esportes. Ainda, muito se tem a investigar sobre as dimensões motivacionais e, acredita-se que tais estudos muito contribuirão para o desenvolvimento geral das ciências do movimento humano.

## Referências

[BALBINOTTI](#), M.A.A.. **Vers un modèle explicatif de la cristallisation des préférences professionnelles durant l'adolescence.** Tése

inédita de doutorado. Montréal, Qc.: Universidade de Montreal, 2000.

[BALBINOTTI](#), M.A.A.. **Inventário de Motivação à Prática Regular de Atividade Física e/ou Esporte.** Montréal, QC: Service d'Intervention et de Recherche en Orientation et Psychologie, 2004.

[BALBINOTTI](#), M.A.A.. Para se avaliar o que se espera: reflexões acerca da validade dos testes psicológicos. **Aletheia**, Canoas, Brasil, v. 1, n. 21, p. 43-52, 2005.

[BALBINOTTI](#), M.A.A.; BARBOSA, M. L. L.. **Inventário de Motivação à Prática Regular de Atividade Física e/ou Esporte (IMPRAFE-54).** Laboratório de Psicologia do Esporte – Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2008.

[BALBINOTTI](#), M.A.A.; BARBOSA, M. L. L.. Análise da consistência interna e fatorial confirmatória do IMPRAFE-126 com praticantes de atividades físicas gaúchos. **Psico-USF**, v. 13, n. 1, p. 1-12, jan./jun. 2008.

[BALBINOTTI](#), M.A.A.; CAPOZZOLI, C.J.. Motivação à prática regular de atividade física: um estudo exploratório com praticantes em academias de ginástica. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 22, n.1, p. 63-80, jan./mar. 2008.

[BALBINOTTI](#), M.A.A. *et al.* Dimensões motivacionais de atletas corredores de longa distância: um estudo descritivo-comparativo segundo o sexo. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, v. 6, n. 2, p. 73-80, set/2007.

[BALBINOTTI](#), M.A.A.; JUCHEM, L.; BARBOSA, M.L.L.; [BALBINOTTI](#), C.A.A.. Qual é o perfil motivacional característico de tenistas infanto-juvenis brasileiros? Manuscrito submetido à **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, 2008.

[BALBINOTTI](#), M.A.A. ; TÉTREAU, Bernard. Níveis de maturidade vocacional de alunos de 14 a 18 anos do Rio Grande do Sul. **Revista Psicologia Em Estudo**, v. 11, p. 551-560, 2006.

[BARBOSA](#), M.L.L.. **Propriedades métricas do inventário de motivação à prática regular de atividade física e/ou esporte (IMPRAFE-126).** Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre, 2006.

[BOMPA](#), T. O.. **Periodização: Teoria e metodologia do treinamento.** São Paulo: Phorte Editora, p. 423, 2002.

[BROWN](#), K.W.; KASSER, T.. Are psychological and ecological well-being compatible? The role of values, mindfulness, and lifestyle. **Social**

**Indicators Research**, v. 74, n. 2, p. 349-368, 2005.

[CAPDEVILLA](#), .; NIÑEROLA, J.; PINTANEL, M.. Motivación y Actividade Física: el autoinforme de motivos para la práctica de ejercicio físico (AMPEF). **Revista de Psicología del Deporte**, v. 13, n. 1, p. 55-74, 2004.

[CHIRKOV](#), V.I.; RYAN, R.M.; WILLNESS, C.. Cultural context and psychological needs in Canada and Brazil: Testing a self-determination approach to the internalization of cultural practices, identity, and well-being. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, 36, p. 423-443, 2005.

[CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE](#). Resolução n.º 196, de 10 de outubro de 1996. Disponível em: [http://www.extranet.ceuma.br/downloads\\_2007/pequisa/comite\\_resolucao.pdf](http://www.extranet.ceuma.br/downloads_2007/pequisa/comite_resolucao.pdf). Acessado em: 25/01/2008

[DECI](#), E.L.; RYAN, R. M.. **Intrinsic Motivation and self-determination in human behavior**. New York: Plenum, 1985.

[DECI](#), E.L.; RYAN, R. M.. The “what” and “Why” of Goal Pursuits: Human Needs and the Self-Determination of Behavior. **Psychological Inquiry**, 4, p.227-268, 2000.

[DECI](#), E.L.; VANSTEENKISTE, M.. Self-determination theory and basic need satisfaction: Understanding human development in positive psychology. **Ricerche di Psicologia**, 27, p. 17-34, 2004.

[DECI](#), E.L. *et al.*. On the benefits of giving as well as receiving autonomy support: Mutuality in close friendships. **Personality and Social Psychology Bulletin**, 32, p. 313–327, 2006.

[DE ROSE JR.](#), D.; DESCHAMPS, S.R.; KORSAKAS, P. O jogo como fonte de stress no basquetebol infanto-juvenil. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, vol. 1, n. 2, p.36–44, 2001.

[DE ROSE JR.](#), D.; KORSAKAS, P.. O processo de competição e o ensino do desporto. In: TANI, G.; BENTO, J.O.; PETERSEN, R.D.S.. **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 251-261, 2006.

[DE ROSE JR.](#), D.; TAVARES, A.C.; GITTI, V.. Perfil técnico de jogadores brasileiros de basquetebol: relação entre os indicadores de jogo e posições específicas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 377-384, out/dez 2004.

[DE ROSE JR.](#), D.; TRICOLI, V.. Basquetebol: conceitos e abordagens gerais. In: DE ROSE JR., D.; TRICOLI, V. (orgs.) **Basquetebol: uma visão**

integrada entre ciência e prática. Barueri, SP: Manole, p. 1-14, 2005.

[HADDAD](#), C.R.R.; DANIEL, J.F.. Aspectos práticos da fisiologia do exercício no basquetebol. In: DE ROSE JR., D.; TRICOLI, V. (orgs.) **Basquetebol: uma visão integrada entre ciência e prática**. Barueri, SP: Manole, p. 63-84, 2005.

[EDMUNDS](#), J.; NTOUMANIS, N.; DUDA, J. L.. A test of self-determination theory in exercise domain. **Journal of Applied Social Psychology**, v. 36, p.2240-2265, 2006.

[FRANKS](#), B. What is stress? **Quest**, v.46, n.1, p.1-7, 1994.

[FERREIRA](#), A.E.; DE ROSE JR., D.. **Basquetebol, técnicas e táticas: uma abordagem didático-pedagógica**. São Paulo, EPU, 2003.

[GAGNÉ](#), M.; DECI, E.L.. Self-determination theory and work motivation. **Journal of Organizational Behavior**, v. 26, p. 331-362, 2005.

[GOULD](#), D.; EKLUND, R.C.; JACKSON, S.. Coping strategies used by more versus less successful Olympic wrestlers. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, 64, p. 83-93, 1992.

[GUAY](#), F. *et al.*. Predicting career indecision: A self-determination theory perspective. **Journal of Counseling Psychology**, v. 50, p. 165-177, 2003.

[LENS](#), W.. La signification motivationnelle de la perspective future. **Revue québécoise de psychologie**, 14, p. 69-83, 1993.

[MARQUES](#), A.T.; OLIVEIRA, J.M.. O treino dos jovens desportistas. Atualização de alguns temas que fazem a agenda do debate sobre a preparação dos mais jovens. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 1, n.1, p. 130-137, 2001.

[McDONALD](#), D.; HODGOON, J. **Psychological effects of aerobic fitness training**. New york: Springer-Verlag, 1991.

[NUTTIN](#), J.. **Future time perspective and motivation**. Louvain: Leuven University Press, 1985.

[PATRICK](#), H.; NEIGHBORS, C.; KNEE, C.R.. Appearance -related social comparisons: The role of contingent self-esteem and perceptions of attractiveness. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v. 30, n. 4, p. 501-514, 2004.

[PESTANA](#), M.H. e GAGEIRO, J.N. **Análise de dados para Ciências Sociais: a complementaridade do SPSS**. 3ª edição, Lisboa: Edições Silabo, 2003.

[RAMOS](#), V.; [GRAÇA](#), A.B.S.; [NASCIMENTO](#), J.V. A representação do ensino do basquetebol em contexto escolar: estudos de casos na formação inicial em educação física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 37-49, jan./mar. 2006.

[REIS](#), E. **Estatística multivariada aplicada**. 2ª edição, Lisboa: Edições Silabo, 2001.

[RUEL](#), P.H.. Motivation et représentation de soi. **Revue des sciences de l'éducation**, 13, p. 239-260, 1987.

[RYAN](#), R.M.; [DECI](#), E.L.. The darker and brighter sides of human existence: Basic psychological needs as a unifying concept. **Psychological Inquiry**, v. 11, n. 4, p. 319-338, 2000a.

[RYAN](#), R.M.; [DECI](#), E.L.. Self-Determination Theory and the Facilitation of Intrinsic Motivation, Social Development, and Well Being. **American Psychologist**, v. 55, n. 1, p. 68-78, January 2000b.

[RYAN](#), R.M.; [DECI](#), E.L.. Active Human Nature: Self-Determination theory and the promotion and maintenance of sport, exercise, and health. In: [HAGGER](#), M.S.; [CHATZISARANTIS](#), N.L.D. (eds.). **Intrinsic motivation and self-determination in exercise and sport**. Human Kinetics, p. 1-19, 2007.

[RYAN](#), R.M. *et al.*. On the interpersonal regulation of emotions: Emotional reliance across gender, relationships, and culture. **Personal Relationships**, 12, p. 146-163, 2005.

[SCANLAN](#), T.K.; [STEIN](#), G.L.; [RAVIZZA](#), K.. An in-depth study of former elite figureskaters: III. Sources of stress, **Journal of Sport and Exercise Psychology**, 13, 103-120, 1991.

[SOENENS](#), B. *et al.*. Psychological control and adjustment: The mediating role of maladaptive perfectionism. **Personality and Individual Differences**, 38, p. 487-498, 2005.

[SOENENS](#), B.; [VANSTEENKISTE](#), M.. Antecedents and outcomes of self-determination in three life domains: The role of parents' and teachers' autonomy support. **Journal of Youth and Adolescence**, 34, p. 589-604, 2005.

[VALLERAND](#), R.J.. A hierarchical model of intrinsic and extrinsic motivation for sport and physical activity. In: [HAGGER](#), M.S.; [CHATZISARANTIS](#), N.L.D. (eds.). **Intrinsic motivation and self-determination in exercise and sport**. Human Kinetics, p. 255-280, 2007.

[VALLERAND](#), R.J., [BISSONNETTE](#), R.. Intrinsic, extrinsic, and amotivational styles as predictors of behavior: A prospective study. **Journal of Personality**, 60, p. 599-620, 1992.

[VALLERAND](#), R.J.; [THILL](#), E.E.. Introduction au concept de motivation. In: [VALLERAND](#), R.J. ;[THILL](#), E.E.(Eds.), **Introduction à la psychologie de la motivation**. Laval, Québec: Éditions Études Vivantes, p. 3-39, 1993.

[VANSTEENKISTE](#), M.; [DECI](#), E.L.. Competitively contingent rewards and intrinsic motivation: Can losers remain motivated? **Motivation and Emotion**, 27, p. 273-299, 2003.

[VLACHOPOULUS](#), S.P.; [KARAGEORGHIS](#), C.I.; [TERRY](#), P.C. Motivation Profiles in Sport: A Self-Determination Theory Perspective. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 71, n. 4, p. 387-397, 2000.

[VLACHOPOULOS](#), S.P., [MICHAILIDOU](#), S.. Development and initial validation of a measure of autonomy, competence, and relatedness in exercise: The Basic psychological needs in exercise scale. **Measurement in Physical Education and Exercise Science**, 103, p. 179-201, 2006.

[WANKEL](#), L. The Importance of Enjoyment to Adherence and Psychological Benefits from Physical Activity. **International Journal of Sport Psychology**, Roma, v. 24, n. 2, p. 151-169, 1993.

[WHITE](#), S.A.; [DUDA](#), J.L.. The relationship of gender, level of sport involvement, and participation motivation to task and ego orientation. **International Journal of Sport Psychology**, n. 26, p.4-18, 1994.

[WILLIAMS](#), G.C. *et al.*. Health care practitioners' motivation for tobacco-dependence counseling. **Health Education Research**, 18, p. 538-553, 2003.

Artigo derivado de uma dissertação de Mestrado  
Comitê de Ética: UFRGS n. 2007722

Endereço:

Ricardo Pedrozo Saldanha  
Av. Orfanotrófio, 600, Bloco 11, apto. 211.  
Porto Alegre RS Brasil  
90840-440  
Telefone: (51) 8129.9934 (51)3246.9830  
e-mail: [ricardo@ricardosaldanha.com.br](mailto:ricardo@ricardosaldanha.com.br)

Recebido em: 16 de abril de 2009.

Aceito em: 25 de junho de 2009.



Motriz. Revista de Educação Física. UNESP, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1980-6574 - está licenciada sob [Licença Creative Commons](#)